

# ANO NOVO, 1-1-944 VIDA NOVA!

Ao som de pandeiretas e chocalhar de latas, em desafinada orquestra de gritos e assobios, «corremos» o ano velho, que a nossa imaginação, por isso mesmo que o julgou tão mau, o veio a representar na figura maliciosa dum matreiro ancião. O bater da meia-noite ecoou, por isso, em nossa alma como se fôsse o quebrar dum negro pesadêlo que nos deixasse despertar alegremente nos jardins encantados dum país de maravilha.

Saudamos depois, em esfuante alegria, o ano novo, criança de olhos puros e inocentes como os nossos sonhos lindos de felicidade. E tamanha foi a nossa confiança na graciosa generosidade do ano novo, que não pudemos conter em nós mesmos a aurora luminosa que nos prendeu o olhar, e desatamos a desejar a quanto encontramos no caminho, amigos e conhecidos, uma vida melhor e mais feliz.

Foi assim este ano, como era há cem anos, como será depois. Para o ano voltaremos outra vez a suspirar de alívio ao findar do ano, e a renovar os nossos votos de um ano novo.

Mas depressa esqueceremos o ano bom e as esperanças tôdas que pusemos nele. Como não melhorou a nossa vida nem correspondeu aos sonhos lindos que então fizemos, não tardará que voltemos o bico ao prego, e que nos venham saudades dos anos que passaram: aquilo é que eram tempos!

E assim andamos, em trágico desequilíbrio e perene contradição, a vida inteira. Todos os anos, dizemos mal do ano que passou e sempre novas e maiores esperanças vamos pôr no ano que começa, para afinal termos depois saudades dos anos que vivemos e que nunca mais tornaremos a viver.

Que significa tudo isto? Que sentimento nos arrasta a maldizer do ano que passou, e a prometer para o ano que começa novo ritmo à vida? Que nostalgia nos leva depois à desilusão dos anos novos e à saudade dos velhos tempos?

O que sentimos no começo de cada ano mais não é do que a consciência do mal que temos feito ou do bem que não fizemos. O que nos leva a repetir, ano a ano, a mesma cena é, portanto, o anseio permanente de progresso e perfeição, que temos gravado no mais íntimo das nossas almas.

A humanidade foi feita assim, com irresistível atracção para o belo e para o bem. E como, ao findar de cada ano, reconhecemos ter feito o mal que detestamos e não ter feito o bem que nos atrai, insensivelmente repetimos sempre o mesmo nostálgico propósito de emenda. E se verificamos que, em vez de progredir no bem, o mal continua a sua obra, então suspiramos pelo tempo que passou, em que tudo era melhor...

Ansia de perfeição e de progresso é o caminho doloroso da humanidade através dos séculos, como o é o de cada homem através da vida. Compreendendo a alma humana, saída aliás das suas mãos criadoras, já o doce Rabi da Galileia concretizara assim o universal decreto: «sede perfeitos, como é perfeito o nosso Pai que está nos Céus.»

Mas o progresso e a perfeição são saboroso fruto de árvore bem amarga. Não se podem obter senão na dor de continuado esforço, como também não há homem que venha a este mundo sem se banhar nas lágrimas salgadas do ser que o gerou. E

Quem não fôr capaz de vencer a inércia e enfrentar a luta, esse é um homem que falhou na vida. E, daí, maldizemos o ano velho, por nos faltar coragem de reconhecer a nossa falha. E quando falhamos muitos, sobretudo quando falham os que não deviam falhar, é que nos chega então a nostalgia dos velhos tempos.

Afinal nós bem sabemos que os anos não têm culpa. Todos eles são iguais. Quem os faz bons ou maus não é o girar dos tempos, somos nós. A guerra, o sofrimento, a dor, a injustiça, a fome, não foi o ano que as trouxe. Foram geradas na perversidade do nosso coração.

Ano novo, vida nova! Pois que seja na verdade vida nova. Pois que seja um passo em frente no doloroso caminhar.

Fomos feitos para o infinito. Não pode satisfazer-nos o que é mísero e tacanho. Não nos prendamos portanto, nas bordas do caminho a contemplar estrangalhadas flores da repisada relva. Lá no cimo é mais puro o ar, mais largo e belo o horizonte.

Saudemos então, com grande esperança, o ano novo. Se cada um para si fizer um ano melhor, o ano que hoje começa virá a ser, realmente, um Ano Bom.

E porque não? Porque havemos de continuar a ser maus?

FORUM ABEL ABEL VARZIM  
DESENVOLVIMENTO  
E SOLIDARIEDADE

© Todos os direitos reservados